

EM BUSCA DA MELODIA NORDESTINA: AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS DE UM DIALETO BAIANO

In search of melody northeast:
the pretonic middle vowels of the Bahia dialect

VERA PACHECO

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,
vera.pacheco@gmail.com

MARIAN OLIVEIRA

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
mdossoliveira@gmail.com

PRISCILA DE JESUS RIBEIRO

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,
priscilla.jribeiro@gmail.com

Resumo

Neste trabalho, avaliamos as vogais [E,O] que ocorrem em sílaba pretônica no dialeto baiano de Vitória da Conquista, objetivando investigar: i) se a ocorrência dessas vogais é decorrente de harmonia vocálica; e, ii) se há alguma relação entre a sua ocorrência e o falar “cantado” atribuído a esse dialeto. Nossas análises sugerem que as vogais aqui avaliadas não sejam produtos de harmonia vocálica, pois são mais abundantes na posição pretônica e ocorrem sem ambiente propiciador. Assim, a hipótese de que nesse contexto esteja havendo neutralização vocálica que favorece a emergência das vogais [E,O] consegue explicar a contento os dados avaliados. A análise das medidas de duração e F_0 acenam para a hipótese de que a variação de F_0 , que ocorre exclusivamente nas vogais médias

Recibido
31/8/12
Aceptado
26/12/12

abertas de sílaba pretônica, possa ser a base do falar “cantado” típico desse dialeto, bem como a maior duração relativa encontrada nas vogais em sílabas pretônicas.

Palavras-chave: vogais médias; harmonia vocálica; frequência fundamental

Abstracts

In this study, our objective is to evaluate the middle vowels [E.O] found in pretonic syllables in the dialect of Bahia States, Brazil, at Vitoria da Conquista. We propose to investigate (i) if the occurrence of this vowel is due to vowel harmony and (ii) if it have relation about its occurrences and the “different” talk of this dialect. Our analyses suggest the open middle vowels that occur in this city are not products of vowel harmony, but of the vocalic neutralization. It is most abundant in pretonic position and occurs in the absence of enabling environment. Our results support the hypothesis that the variation of F_0 that occurs exclusively in the open middle vowels of pretonic syllable may be the basis of “different” talk typical of this dialect, as well as of the great relative duration found in the pretonic syllables vowels.

Key-words: middle vowels; vowel harmony; fundamental frequency

1. INTRODUÇÃO

Os estudos sobre as vogais mostram que esses segmentos em posição átona estão sujeitos a diversos processos fonológicos, tais como redução, neutralização, harmonia vocálica, etc. Esses processos não são excludentes e coocorrem em uma mesma comunidade linguística, bem como não são categóricos, ou seja, eles podem ou não ocorrer, sendo, portanto variáveis.

É esse fenômeno linguístico que incide especificamente sobre as pretônicas que explica diferentes realizações fonéticas para uma mesma palavra. Podemos encontrar, por exemplo, m[i]nino ~ m[e]nino, b[u]lacha ~ b[o]lacha, presentes em diferentes dialetos brasileiros (Mota 1979;

Bisol 1988; Viegas e Veado 1995; Freitas 2003; Célia 2004, Almeida 2008 entre outros).

Além dessa grande suscetibilidade a sofrerem alçamento, as vogais médias nas sílabas pretônicas podem realizar-se foneticamente com timbres diferentes (abertas ou fechadas), o que, de longa data já é registrado na literatura como uma distinção dialetal: falar do norte (um falar “cantado”) que se caracteriza pela realização das vogais médias abertas em posição pretônica e o falar do sul pela realização exclusiva das médias fechadas nessa posição (Nascentes 1953).

Apesar de tradicionalmente haver essa dicotomia entre esses dois dialetos, Lee e Oliveira (2003: 67), contudo, ressaltam que “a situação não é tão simples assim”. Segundo esses autores, vogais médias abertas e fechadas e vogais fechadas podem alternar entre si na posição pretônica, havendo necessidade de distinguir as variações inter e intradialetal. Essas alternâncias decorrem da aplicação, em diversos contextos, de regras de neutralização, harmonia vocálica e redução.

Assumindo a hipótese de que as realizações das vogais pretônicas podem alterar-se inter e intradialetalmente e que diferentes regras estão atuando ao mesmo tempo nessas realizações, nesse artigo, propomos avaliar as regras e os contextos de ocorrência das vogais médias da fala de sujeitos naturais de uma cidade do interior da Bahia: Vitória da Conquista, cidade que dista 500 km aproximadamente da capital baiana.

Além de apresentar as vogais médias abertas em sílabas pretônicas, a fala de conquistenses, como acontece com a fala nordestina de outras localidades, possui certas particularidades melódicas que nos permitem caracterizá-la auditivamente como “cantada”.

Assim, é nosso objetivo também avaliar esse aspecto “cantado” da fala da comunidade linguística de Vitória da Conquista. Nosso objetivo é investigar possíveis variações melódicas que possam constituir marcas específicas desse dialeto baiano. Para isso, investigaremos a duração e a variação da frequência fundamental das vogais médias de sílabas pretônicas e tônicas, por serem a duração e a frequência fundamental dois parâmetros acústicos que fornecem pistas importantes sobre possíveis variações melódicas.

2. AS VOGAIS MÉDIAS ABERTAS EM SÍLABAS PRETÔNICAS EM VITÓRIA DA CONQUISTA: CASO DE HARMONIA VOCÁLICA?

Dentre os estados brasileiros do Nordeste nos quais podemos encontrar as ocorrências de vogais médias abertas em posição pretônica, a Bahia é um deles, com algumas cidades cujos falares apresentam essa realização, como é o caso da capital, Salvador, conforme o trabalho de Silva (1993), particularmente quanto ao falar culto.

De acordo com os dados da autora, do montante de palavras com sílaba pretônica passiva de ter uma vogal alta ou média, aproximadamente 60% dessas ocorrências apresentaram vogais com o traço [+baixo], e os 40% restantes encontraram-se distribuídos entre as demais vogais [i,u,e,o].

Partindo de análise de falas de reportagens de um telejornal local, Oliveira, Ribeiro e Pacheco (2007), ao contabilizarem a ocorrência das vogais médias abertas na posição pretônica, encontram, para a cidade de Vitória da Conquista, resultado muito semelhante ao de Silva (1993), para Salvador. Os resultados encontrados por Oliveira, Ribeiro e Pacheco (2007) são sumarizados no gráfico 1 a seguir.

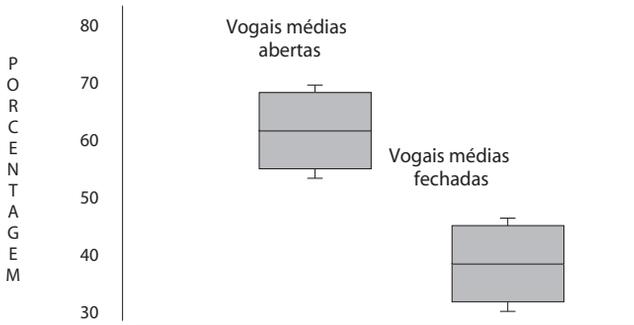


Gráfico 1 - Porcentagem de vogais médias abertas e vogais médias fechadas na fala de sujeitos naturais de Vitória da Conquista

Com base nos dados dispostos no gráfico 1, podemos afirmar que as vogais médias abertas são tão abundantes na fala de conquistenses quanto na fala dos soteropolitanos. Em ambas as localidades, as médias abertas perfazem em torno de 60% das vogais em pretônicas. Assim, Vi-

tória da Conquista possui um traço dialetal típico da região nordeste, como Salvador.

A qualidade vocálica do núcleo da sílaba pretônica no falar culto de Salvador, de acordo com Silva (1993), obedece, à semelhança do alteamento vocálico, a uma regra variável de harmonia vocálica, em que a pretônica tende a assimilar o traço de altura da vogal da sílaba subsequente. Assim, a vogal média da sílaba pretônica tenderá a ser média aberta se a vogal da sílaba seguinte for média aberta e tenderá a ser média fechada se a vogal da sílaba seguinte for média fechada.

Comportamento semelhante é também encontrado na fala de conquistenses, de acordo com os dados apresentados em (1), em que E representa a vogal média aberta anterior não arredondada; O, a média aberta posterior arredondada; e, média fechada anterior não arredondada; e o, média fechada posterior arredondada.

- 1 a) rE'mEdio; pE'tEca
 b) fO'fOca; mO'tOca
 c) prO'jEtos; prO'cEsso
 d) mE'lhOr; rE'tOque

Os exemplos dispostos em (1) evidenciam que a fala da comunidade linguística que investigamos se caracteriza pela realização de vogais médias abertas em sílabas pretônicas decorrentes da regra de harmonia vocálica.

A harmonia vocálica que encontramos nos dados aqui avaliados ocorre independentemente do ponto de articulação das vogais da sílaba tônica e pretônica. Podemos, dessa forma, encontrar harmonia vocálica quando as vogais dessas duas sílabas possuem ou não o mesmo ponto de articulação.

Assim, nos exemplos (1) *a* e *b*, a harmonia ocorre entre vogais com o mesmo ponto de articulação, respectivamente, anterior e posterior. Já os dados de (1) *c* e *d* exemplificam casos de harmonia entre as vogais médias abertas com pontos de articulação diferentes, o que difere dos dados

encontrados por Lee e Oliveira (2003) para Belo Horizonte. Segundo esses autores, na capital mineira, a harmonização entre as vogais ocorre quando essas possuem o mesmo ponto de articulação. Em não sendo satisfeita essa condição, a regra de harmonia vocálica não entra em carga, havendo em seu lugar a redução vocálica.

A regra de harmonização entre vogais da tônica e pretônica com ponto de articulação diferente identificada para o falar conquistense parece ser mais uma variação interdialetoal, pois ocorre pelo menos em uma amostra do dialeto baiano e não ocorre em pelo menos uma amostra do dialeto mineiro, com base em Lee e Oliveira (2003).

Similarmente à harmonia que ocorre entre as médias abertas da tônica e da pretônica, temos a harmonia das médias fechadas. A regra de harmonia para essas vogais ocorre nos mesmos contextos das médias abertas como demonstramos em (2) a seguir.

- 2 a) *desejo; rever*
 b) *proposto; composto*
 c) *setor; repouso*
 d) *colete; cobertor*

As médias fechadas da tônica e da pretônica, como as médias abertas, harmonizam-se independentemente do ponto de articulação das mesmas. Em (2) *a* e *b*, as vogais da tônica e pretônica possuem a mesma posição da língua na área sagital do trato vocal, respectivamente, a saber: anterior e posterior. Em (2) *c* e *d* temos exemplos de harmonia vocálica entre vogais cujos pontos de articulação são diferentes.

Se considerarmos as análises apresentadas até aqui, podemos afirmar que as realizações das vogais médias em sílabas pretônicas em Vitória da Conquista podem ser explicadas por uma regra de harmonia vocálica em que a abertura da vogal da pretônica é determinada pela abertura da vogal da tônica, podendo ser esquematicamente visualizada da forma como se apresenta na figura 1, em que vogal pretônica se realiza como média aberta se a vogal da sílaba tônica for média aberta ou se realiza como média fechada se a vogal da sílaba tônica for média fechada:

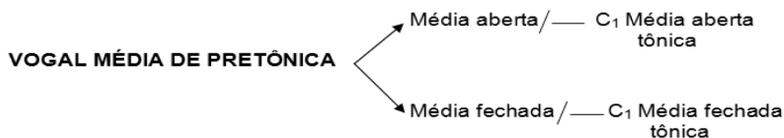


Figura 1 – Representação esquemática da harmonização de abertura das médias de sílaba pretônica determinada pela abertura das médias da sílaba tônica.

Verificamos, a partir da figura 1, que a abertura da média pretônica é determinada pela abertura da tônica, o que nos permite formalizar essa regra de harmonia como segue na figura 2:



Figura 2 – Regra de harmonia vocálica entre as médias pretônicas e a média da tônica.

A regra de harmonia em que se verifica a determinação da abertura da vogal de sílaba pretônica pela vogal da sílaba tônica é de fato uma tendência. O alçamento das pretônicas, por exemplo, como descrito por Bisol (1989), segue esse padrão: as vogais altas da sílaba tônica desencadeiam o alçamento das médias fechadas da sílaba pretônica. Como lembra Schane (1975: 75), “modificações podem ocorrer na relação de um segmento vis-à-vis com uma vogal acentuada”.

Muitas ocorrências, contudo, encontradas nos dados avaliados, fogem a essa regra, evidenciando que, nessa comunidade linguística, a ocorrência das vogais médias abertas na posição pretônica não é resultado de um processo de harmonia vocálica, pelo contrário, é uma preferência dos falantes, podendo núcleo silábico ser resistente à aplicação da regra de harmonização, o que é facilmente observado em (3):

- 3 a) *pEqueno; prEsente*
 b) *prOpor; Opor*
 c) *pOrém; prOblema*

Em (3) *a*, *b* e *c* são registradas ocorrências de vogais médias abertas em posição pretônica imediatamente antecedente à sílaba tônica cujo núcleo é ocupado por uma vogal média fechada. Na comunidade linguística analisada nem sempre a vogal média fechada da sílaba tônica consegue desencadear a harmonia vocálica com a vogal média da pretônica, não havendo, nesse caso, uma indexação do traço [α baixo] como proposto na formalização apresentada na figura 2.

A indexação do traço [α baixo] das vogais de sílabas tônicas e pretônicas só ocorre se a tônica for média aberta. Nesses casos, a pretônica será sempre [+baixo], pois essa vogal deverá apresentar o valor desse traço igual ao da tônica, qual seja, [+baixo].

Ocorrências de médias pretônicas [-baixo] e médias tônicas [+baixo], comuns em muitos dialetos brasileiros, não o são em Vitória da Conquista. Realizações como *remEdio*, facilmente encontradas no sul e sudeste, tendem a ser evitadas pelos falantes dessa cidade¹.

Ao que nos parece, a harmonia vocálica no falar conquistense não constitui uma regra produtiva, ocorrendo entre as médias fechadas de sílaba tônica e pretônica.

Esse falar baiano, ao que tudo indica, tende a ter a preferência pelas médias abertas em posição pretônica a ponto de, em muitos casos, não ser registrada a realização de média fechada, nessa posição, em ambientes propiciadores para emergência dessa média.

O resultado dessa escolha é uma comunidade linguística cuja fala é marcada pela frequente ocorrência de vogais médias abertas, em torno de 65%, em detrimento da realização das médias fechadas (em torno de 35%), que parecem emergir em decorrência de aplicações não categóricas de regra de harmonia vocálica entre a tônica e a pretônica.

1 É comum encontrar nesse dialeto a ocorrência de r[E]m[E]dio.

A emergência de vogais médias abertas pretônicas adjacentes a núcleo de sílaba tônica ocupado por vogais fechadas é outra evidência da primazia dessas médias neste contexto silábico. Ao invés de encontramos a forma alçada por harmonia *m[i]nino*, como acontece com certa sistematicidade em muitas regiões brasileiras, encontramos com bastante frequência, em Vitória da Conquista; a realização *mEnino*, dentre outras ocorrências, como as apresentadas em (4) *a* e *b*, que dificilmente serão encontradas nas localidades que realizam o alçamento das médias em sílaba pretônica.

- 4 *a)* *mEtido; sEgunda*
 b) *nOturno;*

O registro das médias abertas imediatamente antecedente à vogal fechada, núcleo de sílaba tônica, conforme (5) *a* e *b* é mais uma pista que acena para a hipótese de que, no falar conquistense, a média aberta é preferencialmente realizada nesse contexto de atonicidade.

Além disso, não podemos perder de vista o fato de que em sílabas pretônicas distantes da sílaba tônica é recorrente a emergência da média aberta, independentemente da qualidade vocálica dos núcleos silábicos adjacentes, conforme itens apresentados em (5) *c* e *d*. Nessas circunstâncias, em outras regiões brasileiras, a vogal que tende a ser realizada é a média fechada.

- 5 *a)* *Errado; vErdade*
 b) *cObrar; Olhar;*
 c) *univErsidade; nEgativo; Educação*
 d) *cOmErcial; Opinião; OpOrtunidade*

Diante do que foi visto, verificamos que no falar de sujeitos naturais de Vitória da Conquista, as vogais médias abertas em sílabas pretônicas são abundantes. Nossos dados fornecem fortes evidências de que sua emergência não está atrelada à proximidade de outra vogal média aberta,

havendo, com frequência razoável, predominância desse timbre vocálico em contextos passíveis de ocorrência do timbre fechado.

A maior frequência de ocorrência da vogal média aberta em sílaba pretônica e sua ocorrência em ambientes diversos nos permitem afirmar que as vogais médias abertas em sílabas pretônicas em Vitória da Conquista pertencem efetivamente ao acervo dos segmentos vocálicos das sílabas pretônicas. Dessa forma, a sua realização não constitui caso de harmonia vocálica.

Nossas análises constituem fortes evidências para a hipótese levantada por Lee (2006), com base na OT (Optimality Theory), de que diferenças dialetais no português brasileiro (PB) podem ser explicadas pela neutralização vocálica que ocorre na sílaba pretônica. De acordo com esse autor, as sete vogais que ocorrem na sílaba tônica (a, E, e, i, O, o, u), reduzem-se, na pretônica, a cinco de forma diferenciada: (a, e, i, o, u), no dialeto paulista, e (a, E, i, O, u), no dialeto baiano, diferindo da proposta de Câmara Jr. (1970) que previa somente a neutralização em (a, e, i, o, u). Para o estruturalista, a ocorrência das médias abertas em sílaba pretônica era um caso de alofonia.

Dentro dos pressupostos da OT, a neutralização vocálica é tratada como fidelidade posicional, devendo assumir para o PB, conforme proposta de McCarthy (1999), a “tipologia de contraste de altura em relação ao acento” (Lee 2006: 167). Nesse sentido, para explicar as diferenças fonéticas das médias abertas em posição pretônica:

é necessário dividir a restrição de marcação *MID em duas restrições de marcação *E/O e *e/o – o português possui 4 vogais médias. Essas restrições de marcação constituem um subconjunto de restrição de marcação geral *MID – portanto, *E/O e *e/o >> *MID. Na posição pré-tônica, as vogais médias baixas não ocorrem no dialeto paulista, enquanto as vogais médias altas não ocorrem no dialeto baiano. Nos termos da OT, a Neutralização Vocálica é explicada pela escolha de grupo de vogais médias (altas ou baixas) para reduzir os contrastes nesta posição – a restrição de marcação domina as restrições de fidelidade (Lee 2006: 168).

Assumir a neutralização das pretônicas somente a partir das restrições de marcação *MID tem como consequência a possibilidade da gera-

ção de uma forma ótima como r[i]polho entre os falantes paulistanos, o que de fato não representa a realidade linguística desse falar.

Esse dado evidencia que entre as restrições de marcação *E/O e *e/o é necessário haver relação de ranqueamento, onde a restrição *E/O domina a *e/o, como é demonstrado no tableaux seguinte:

***ε/ɔ >> IDENT(HEIGHT) >> *e/o**

/e/	*ε/ɔ	IDENT(HEIGHT)	*e/o	IDENT (ATR)
a. e 😊			*	
b. ε	*!			*
c. i 😊		*!		

Figura 2: Tableaux do ranqueamento das restrições de marcação sobre a restrição de fidelidade (Lee, 2006: 169)

No português brasileiro, a neutralização vocálica das médias pretônicas, nas palavras de Lee (2006),

reduz os contrastes de vogais médias no PB e as diferentes realizações fonéticas entre os dialetos são explicadas pela escolha de restrição de marcação (*e/o ou *E/O) e pelo ranqueamento desta restrição sobre a restrição de fidelidade na hierarquia (Lee, 2006: 169).

Isso posto, verificamos que hipótese da neutralização vocálica nas pretônicas, nos moldes da OT, apresenta uma explicação para as ocorrências das vogais médias abertas na fala de sujeitos conquistenses, pois não são de fato produto de harmonia vocálica.

3. AS VOGAIS MÉDIAS DE SÍLABA PRETÔNICA E O FALAR “CANTADO” DOS CONQUISTENSES: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?

O falar dos sujeitos conquistenses possui, dentre várias marcas dialetais, duas que o particularizam: a) a preferência pela realização de vogais médias abertas em sílaba pretônica e b) a sensação auditiva de falar “cantado”.

Diante de duas marcas dialetais relativamente particulares presentes em um mesmo falar, questionar sobre uma possível relação entre ambas é inevitável. É inevitável, pois, perguntar: a sensação auditiva do “cantado” da fala de conquistenses pode ser uma consequência da presença das vogais médias abertas em sílaba pretônica?

Para investigarmos essa relação, duração e variação de frequência fundamental, parâmetros acústicos relacionados a variações melódicas, deverão ser extraídas das vogais médias abertas e fechadas, em sílabas tônicas e pretônicas e analisadas.

3.1. Duração

A duração é o parâmetro acústico relacionado à extensão de tempo envolvida na produção de um som (Crystal 2000) e pode comportar-se como elemento suprasegmental na fala quando tem a “função de determinar o ritmo através das durações das sílabas, dos pés e dos grupos tonais” (Cagliari 1999: 12).

Alterações na duração que ocorrem na fala podem estar associadas a certos aspectos suprasegmentais, sendo, portanto, um parâmetro acústico importante na investigação de questões relacionadas à prosódia.

Para avaliar uma possível relação entre a ocorrência de vogais médias abertas em sílabas pretônicas, encontradas na fala de conquistenses, e particularidade melódica desse dialeto, nós realizamos análise comparativa da duração relativa das vogais médias abertas e fechadas tanto em sílaba tônica quanto pretônica. Com esse procedimento metodológico, fomos capazes de determinar se as vogais aqui avaliadas poderiam ter durações diferentes quando núcleos de sílaba tônica e pretônica.

Foi montado um *corpus* de logatomas oxítonas de estrutura CV.'CV, em que as posições de C foram ocupadas por obstruintes surdas e as posições de V ocupadas pelas quatro vogais médias: E; O; e; o.

Os logatomas foram inseridos, para fins de padronização, na frase veículo "Disse ____ baixinho". As frases-veículo com as palavras alvo foram impressas em cartão branco que foi apresentado aos sujeitos da pesquisa os quais deveriam lê-las em voz alta. Para garantir a realização correta dos dois timbres vocálicos quando da leitura das frases veículos; nós usamos o símbolo ^ para as médias fechadas e o símbolo Û para as médias abertas.

As gravações do *corpus*, realizadas com os cuidados requeridos para serem submetidas à análise acústica, foram feitas com sujeitos do sexo masculino (dois) e feminino (dois) naturais de Vitória da Conquista. Esses sujeitos tinham entre 20 e 30 anos de idade e não haviam morado fora de Vitória da Conquista.

As mensurações de duração relativa obtidas por nós, por meio do *software* Praat, evidenciam um comportamento curioso das vogais médias em relação ao tipo silábico, conforme dados apresentados nos gráficos 3 e 4.

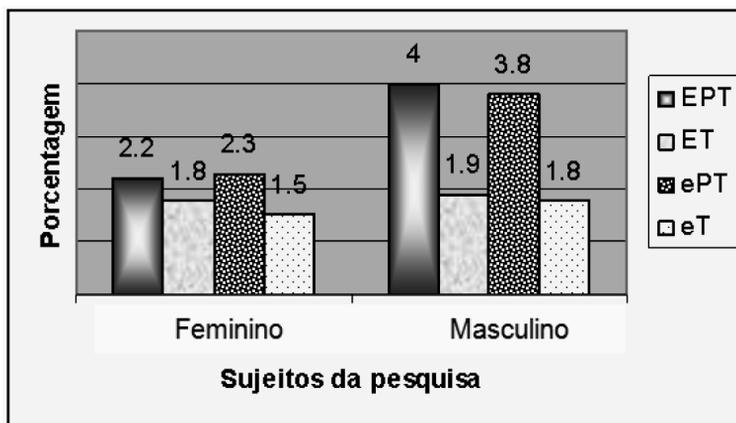


Gráfico 2 - Duração relativa da vogal média não arredondada (E, e) em sílaba pretônica (PT) e sílaba tônica (T)

As vogais médias (E, e) apresentam durações relativas maiores quando estão na sílaba pretônica (gráfico 2). Análise estatística realizada atesta diferença significativa entre as vogais de sílabas pretônicas e tônicas (valores de $p \leq 0.05$, para $\alpha = 0.05$).

A mesma tendência é encontrada para as vogais médias arredondadas, (O, o), conforme gráfico 3:

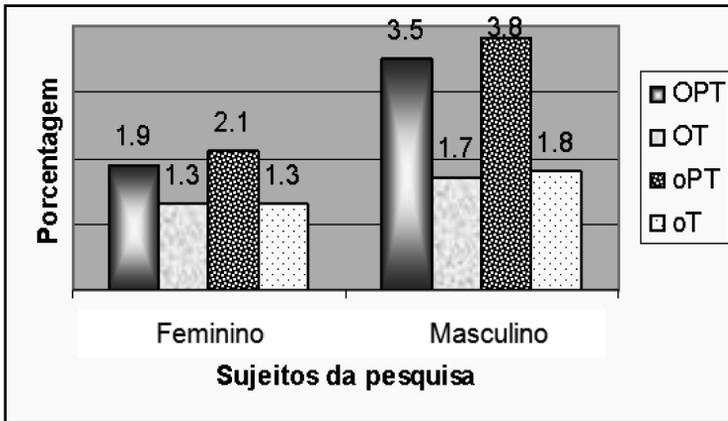


Gráfico 3 - Duração relativa da vogal média arredondada (O,o) em sílaba pretônica (PT) e sílaba tônica (T)

As vogais arredondas, bem como as não arredondas, possuem em média, duração relativa na sílaba pretônica significativamente maior (valores de $p \leq 0.05$, para $\alpha = 0.05$). As diferenças duracionais encontradas referem-se ao tipo de sílaba, pretônica e tônica, e não ao ponto de articulação da vogal, anterior ou posterior.

A duração segmental é normalmente associada ao acento tônico. As vogais que são núcleos de sílabas tônicas tendem a ter maior duração (Cagliari 1999; Mateus 2005 entre outros).

Ao produzir vogais na sílaba pretônica com durações maiores, os falantes naturais de Vitória da Conquista acabam apresentando em sua fala características que diferem do que se é preconizado pela literatura.

A medida de duração relativa das vogais traz uma pista interessante que pode contribuir na explicação do falar “cantando” dos conquistenses,

mas ao mesmo tempo não ajuda a avaliar a relação entre ocorrência de vogais médias abertas nas sílabas pretônicas e esse “cantado”. As vogais médias fechadas de sílaba pretônica possuem, como as médias abertas, duração significativamente maior. É possível que as outras vogais que também ocorrem nessa posição tendam a apresentar maior duração.

Talvez a duração diferenciada da vogal na sílaba pretônica possa ser um ou um dos fatores que acarrete a melodia característica do falar conquistense. Nossos dados não permitem testar essa hipótese. É necessário um estudo específico que vise a investigar essa possibilidade para que dados mais concretos sejam oferecidos.

3.2. Variação de Frequência Fundamental (F_0) das vogais médias

Em termos estritamente acústicos, a frequência fundamental (F_0) refere-se à frequência mais baixa de uma onda sonora complexa e é uma noção muito importante na investigação da entoação, pois possui uma correspondência considerável com os movimentos de *pitch* (Crystal 2000), sendo o *pitch* uma propriedade auditiva do som que permite ao ouvinte classificar um som em grave ou agudo (Ladefoged 1993), um contorno melódico como ascendente ou descendente, por exemplo.

Como é nosso interesse avaliar se a melodia típica dos falantes de Vitória da Conquista tem relação com as vogais médias abertas que ocorrem em posição pretônica atestada para esse dialeto, foi nosso objeto de investigação a variação de F_0 das vogais médias abertas e fechadas, em sílaba tônica e pretônica. Nosso intuito foi avaliar a relação entre tipo de vogal, tipo de tonicidade e variação de F_0 .

Extraímos automaticamente o valor da F_0 em três pontos diferentes da vogal: *i*) no início (P1), que corresponde ao primeiro pico da sequência regular dos pulsos vocálicos, delimitado a partir da forma de onda; *ii*) no meio (P2), que corresponde ao estado estacionário da vogal, ponto no qual a vogal sofre menos interferência dos segmentos adjacentes; e, *iii*) no fim final (P3), que corresponde ao último pico da sequência regular dos pulsos vocálicos, delimitado também a partir da forma de onda.

Esse procedimento metodológico nos permitiu avaliar a variação de F_0 que incide ao longo da vogal (do seu começo ao seu final) e saber se a vogal média aberta que ocorre abundantemente na fala de conquistenses porta uma variação de F_0 que explique ou não a melodia “cantada” desse dialeto baiano.

As gravações a partir das quais obtivemos as mensurações de F_0 (por meio do *software* Praat) foram as mesmas utilizadas para a obtenção da duração, como descrito no item anterior. Os dados correspondentes a essas mensurações encontram-se nas tabelas apresentadas a seguir (4 a 7).

As variações de F_0 correspondem auditivamente a variações de *pitch*. São variações melódicas, entoacionais que percebemos na fala. Aumentos nos valores de F_0 são comumente percebidos por nós como tom ascendente. Reduções desses valores, por sua vez, tendem a ser identificadas por nós como tom descendente.

Nossas análises de F_0 extraída de três pontos, nas vogais médias, evidenciam tendências importantes que podem lançar luz na compreensão da caracterização melódica do falar dos sujeitos naturais de Vitória da Conquista.

Como podemos observar na tabela 1, as vogais médias abertas realizadas pelos conquistenses apresentam variação de F_0 diferente em sílaba pretônica e sílaba tônica.

Tabela 1 – Valores médios de F_0 obtidos em P1, P2 e P3 das vogais médias abertas [E,O] de sílaba pretônica (PT) e de sílaba tônica (T), produzidas por sujeitos do sexo feminino

	P1	P2	P3	p
	(Hz)	(Hz)	(Hz)	
[E] PT	277.0	270.1	242.6	<0.05
[E] T	222.2	214.9	219.6	>0.05
[O] PT	284.9	274.1	260.4	<0.05
[O] T	229.2	215.0	222.1	>0.05

Em sílabas pretônicas, as vogais médias abertas (E,O), realizadas por sujeitos femininos, tendem a possuir maiores valores de F_0 em P1 (E=277.0 Hz; O=284.9 Hz) e menores em P2 (E=270.1; O=274.1 Hz) e ainda menores em P3 (E=242.6; O=222.1 Hz), o que significa que a vogal se inicia com um tom mais alto que tende a cair em sua porção final. A queda da frequência na porção final é significativa, isto porque, os valores de p apurados são menores que 0.05 (vide tabela 1).

Já em sílaba tônica, os valores de p maiores que 0.05 evidenciam que o movimento descendente e ascendente observado ao longo da vogal não é significativo. Essas vogais tendem a iniciar-se com valores maiores de F_0 (P1=222.2 Hz para [E] e 229.2 Hz para [O]); cair na porção medial (P2=214.9 Hz e 215.0, respectivamente para [E] e [O]) e ter elevado novamente seu valor na porção final (valores de F_0 P3, respectivamente, para [E] e [O], iguais a 219.6 Hz e 222.1 Hz).

Na tabela 2, apresentamos os valores de F_0 obtidos para as vogais médias fechadas produzidas por sujeitos conquistenses femininos.

Tabela 2 – Valores médios de F_0 obtidos em P1, P2 e P3 das vogais médias fechadas [e,o] de sílaba pretônica (PT) e de sílaba tônica (T) produzidas por sujeitos do sexo feminino

	P1 (Hz)	P2 (Hz)	P3 (Hz)	p
[e] PT	283.3	270.8	243.2	<0.05
[e] T	228.2	225.2	230.0	>0.05
[o] PT	277.4	294.7	275.8	<0.05
[o] T	238.3	234.6	237.9	>0.05

Verificando os valores da tabela 2 e os comparando com os da tabela 1, verificamos que as médias fechadas possuem comportamento da curva de F_0 que não segue um padrão, nas pretônicas, tão sistematizado como as médias abertas.

Enquanto a vogal [e], na pretônica, apresenta a curva de F_0 semelhante ao da vogal [E], descendente (283.3 Hz; 270.8 e 243.2); a vogal [o] possui curva ascendente/descendente, ou seja, o valor de F_0 é baixo em P1 (277.4 Hz); aumenta em P2 (294.7 Hz) e cai em P3 (275.8 Hz).

Na sílaba tônica, as vogais médias altas [e,o] não apresentam mudanças significativas no padrão de F_0 ao longo de sua realização (valores de p maiores que 0.05). As duas vogais, nesse tipo silábico, possuem valores de F_0 próximos entre si nos três pontos vocálicos aqui avaliados (P1=228.2 Hz; 225.2 Hz e P3 230.0 Hz para [e]; e, P1=238.3 Hz; P2=234.6 Hz e P3=237.9 para [o]).

Um comportamento da curva de F_0 diferenciado entre as vogais médias em função do tipo de tonicidade silábica é igualmente observado para os sujeitos do sexo masculino, de acordo com os dados dispostos nas tabelas 3 e 4.

Tabela 3 – Valores médios de F_0 obtidos em P1, P2 e P3 das vogais médias abertas [E,O] de sílaba pretônica (PT) e de sílaba tônica (T), produzidas por sujeitos do sexo masculino

	P1	P2	P3	p
	(Hz)	(Hz)	(Hz)	
[E] PT	134.1	124.6	123.8	<0.05
[E] T	126.3	124.2	123.6	>0.05
[O] PT	130.2	123.4	119.8	<0.05
[O] T	128.2	125.1	123.2	>0.05

A queda de F_0 na porção final das vogais médias abertas em sílaba pretônica é significativa (valores de p menores que 0.05). Quando essas vogais se encontram em sílabas tônicas, contudo, essa mudança de tom não ocorre (tabela 3).

A vogal [E], na sílaba pretônica, inicia-se com F_0 médio em torno de 134.1 Hz (P1) e tende a cair a 124.6 Hz na porção medial (P2) e a

123.8 Hz na porção final (P3). Curva descendente significativa também é observada para [O]: P1=130.2 Hz; P2=123.4 Hz e P3=119.8 Hz.

Esse padrão descendente, contudo, não é encontrado em [E,O] quando são núcleos de sílaba tônica. Essas vogais não possuem mudança significativa na curva de F_0 ($p > 0.05$). Na sílaba tônica, a vogal [E] se inicia com 126.3 Hz, cai para 124.2, em P2 e em P3 vai para 123.6 Hz. Valores de F_0 muito próximos entre si. Idem para a vogal [O], na tônica: P1=128.2 Hz; P2=125.1 Hz e P3=123.2 Hz.

Diante desses resultados, podemos verificar que a queda de P1 para P2 e P3 das médias abertas na pretônica tende a ser maior do que aquela observada na sílaba tônica.

Na produção vocálica masculina, as vogais médias fechadas não apresentam alterações tonais significativas ao longo de sua realização, conforme dados dispostos na tabela 4. Os valores de p , todos maiores que 0.05, evidenciam que as frequências de F_0 em P1, P2 e P3 não são diferentes, quer em sílaba tônica, quer em sílaba pretônica.

Tabela 4 – Valores médios de F_0 obtidos em P1, P2 e P3 das vogais médias fechadas [e,o] de sílaba pretônica (PT) e de sílaba tônica (T), produzidas por sujeitos do sexo masculino

	P1	P2	P3	p
	(Hz)	(Hz)	(Hz)	
[e] PT	136.5	128.0	123.7	>0.05
[e] T	120.7	125.4	124.6	>0.05
[o] PT	131.4	127.0	124.8	>0.05
[o] T	129.4	128.0	123.7	>0.05

Em PT as vogais médias [e,o] apresentam queda não significativa de F_0 cujos valores são respectivamente em P1, P2 e P3: 136.5 Hz; 128.0 Hz e 123.7 Hz para [e]; e, 131.4 Hz; 127.0 Hz e 124.8 Hz para [o]. Por sua vez, em sílaba tônica não se é possível observar tendência entre essas vogais, pois [e] apresenta variação ascendente/descendente não significa-

tiva ($P1 = 120.7$ Hz; $P2 = 125.4$ Hz e $P3 = 124.6$ Hz); ao passo que [o] apresenta variação não significativa descendente ($P1 = 129.4$ Hz; $P2 = 128.0$ Hz e $P3 = 123.7$ Hz).

Os resultados das análises dos valores de F_0 obtidos em três pontos das vogais médias em sílabas tônicas e pretônicas constituem evidências robustas para endossar a hipótese da relação entre realização das vogais médias abertas em sílaba pretônica e o falar “cantado”.

Uma variação significativa de F_0 ao longo da vogal só é encontrada sistematicamente para as vogais médias abertas em posição pretônica. Nesse contexto, essas vogais se caracterizam por um F_0 inicial maior que tende a cair quando chega ao final de sua realização. As médias abertas quando se encontram em sílabas pretônicas se caracterizam por um tom descendente, o que é bastante compatível com a sensação auditiva do falar “cantado” típico dos baianos conquistenses.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O falar baiano é identificado como tal por qualquer falante brasileiro de qualquer região do Brasil. E assim o é para os sujeitos naturais de Vitória da Conquista, cidade do interior da Bahia.

Essa fácil identificação do baiano se deve basicamente à presença de vogais médias abertas em posição pretônica e também a uma melodia no falar que é mui particular a esses brasileiros.

Em um primeiro momento, a presença das vogais médias abertas na sílaba pretônica nesse dialeto pode ser atribuída ao processo de harmonia vocálica. Essa hipótese não se sustenta, contudo, quando os contextos de ocorrência das vogais médias abertas em sílabas pretônicas são avaliados mais cuidadosamente.

As vogais médias pretônicas no falar de conquistenses abrangem contextos de ocorrência para além da harmonia vocálica, sendo essa vogal preferida e mais abundante em sílaba pretônica, o que nos leva a pensar que esteja ocorrendo uma neutralização vocálica, nos moldes da OT, em que o ranqueamento das restrições *MID resulta a presença das vogais E, O e não e, o, como em São Paulo, por exemplo. Dessa forma, o sistema

vocálico das pretônicas, em Vitória da Conquista, seria composto por (a, E, i, O, u).

A presença dessas vogais em sílaba pretônica parece também desencadear uma melodia particular ao dialeto baiano. De fato, ao se avaliar a variação de F_0 das vogais médias, encontramos uma variação significativa que incide exclusivamente sobre as médias abertas pretônicas. Essas vogais se caracterizam por um tom descendente, ou seja, são iniciadas com valores de F_0 mais altos que tendem a cair em sua porção final. Diante disso, a pergunta que se coloca é: a variação de F_0 na pretônica é exclusividade do dialeto conquistense, especificamente pela presença das vogais médias abertas nessa posição? A resposta a essa pergunta, por falta de dados na literatura, por ora fica sem resposta. Resultados de pesquisas futuras a serem desenvolvidas pela equipe, que buscam avaliar a variação da frequência fundamental de pretônicas em falares que possuem e não possuem as médias abertas na pretônica poderão lançar luz sobre essa questão.

Por enquanto, cabe-nos, por carência de trabalhos que abordem o tema com os mesmos procedimentos metodológicos, afirmar que, em se tratando da comparação da curva de F_0 entre a tônica e a pretônica na presença de vogais médias abertas, temos em ambas as sílabas comportamentos diferenciados e não esperados pela literatura, o que talvez nos ajude a explicar, sim, o “cantado” conquistense.

A medida de duração relativa das vogais também pode ser para nós uma pista interessante que contribua na explicação desse nosso “cantando”. Mas a duração vocálica relativa, diferentemente da curva de F_0 , parece não estar atrelada à presença das médias abertas na posição pretônica, pois maior duração relativa foi encontrada também para as médias fechadas nessa mesma posição. A maior duração relativa encontrada nas médias seria também encontrada para as demais vogais que ocupam o núcleo dessa sílaba? Esse padrão duracional é específico desse falar? À semelhança das perguntas referentes ao padrão de F_0 , as perguntas sobre a duração relativa ficarão, por ora, igualmente sem resposta, aguardando resultados de pesquisas que busquem responder especificamente essas questões.

Diante dos resultados encontrados, podemos afirmar que a presença das vogais médias na sílaba pretônica parece ser um caminho frutífero na busca da melodia do falar baiano, particularmente do falar conquistense.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Luciana de Fátima. 2008. *A variação das vogais médias pretônicas na cidade mineira de Machacalis*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Inédita.
- Bisol, Leda. 1988. A Harmonização vocálica na fala culta, *D.E.L.T.A.*, 4(1): 01-20.
- Bisol, Leda. 1989. A vogal pretônica e a variedade dialetal, *A Ilha do Desterro*, 20: s.p.
- Cagliari, Luiz. 1999. *Acento em Português*, Campinas, Edição do Autor.
- Câmara Jr., Joaquim Matoso. 1970. *Problemas de Linguística Descritiva*, Petrópolis, Editora Vozes.
- Crystal, David. 2000. *Dicionário de Linguística e Fonética*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Freitas, Simone. 2003. As vogais médias pretônicas /e/ e /o/ num falar do Norte do Brasil. In: Abdelhak Razky (organizador), *Estudos geo-sociolingüísticos no estado do Pará*, Belém, Gráfica e Editora Grafia: 113-125
- Ladefoged, Peter. 1993. *A Course in Phonetics*, Florida, Harcourt Brace & Company.
- Lee, Seung Hwa e Marcos Antonio Oliveira. 2003. Variação Inter- e Intra-Dialetal no Português Brasileiro: Um Problema para a Teoria Fonológica. In: Dermeval da Hora e Gisela Collischon (organizadores), *Teoria Linguística: fonologia e outros temas*, Editora Universitária, João Pessoa: 67-91.
- Lee, Seung Hwa. 2006. Sobre as vogais pré-tônicas no Português Brasileiro, *Estudos Linguísticos*, XXXV: 66-175.
- McCarthy, John. 1999. Introductory OT on CD-ROM. Version 1.0. GLSA. Amherst.
- Mateus, Maria Helena Mira. 2005. Estudando a melodia da fala: Traços prosódicos e constituintes prosódicos, *Palavras*, 28: 79-98

- Mota, Jacyra. 1979. Vogais antes de acento em Ribeirópolis – SE, Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador. Inédita
- Nascentes, Antenor. 1953. *O linguajar carioca*, Rio de Janeiro, Simões.
- Oliveira, Juscélia, Priscila de Jesus Ribeiro e Vera Pacheco. 2007. Realizações das vogais médias abertas no dialeto de Vitória da Conquista – BA. In: Maria da Conceição Fonseca-Silva, Vera Pacheco e Edvania Gomes da Silva (organizadoras) *Pesquisa em Estudos Linguísticos*, v. III, Edições Uesb, Vitória da Conquista: 67-74.
- Schane, Sandfor. 1975. *Fonologia Gerativa*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Silva, Myrian Barbosa da. 1993. Breve notícia sobre as vogais pretônicas na variedade culta de Salvador, *Estudos lingüísticos e literários*, 14: 69-77.
- Viegas, Maria do Carmo e Rosa Maria Assis Veado. 1995. Alçamento de vogais pretônicas, *Revista de Estudos da Linguagem*, 2(3): 9-30.